



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



A POESIA E A SACERDOTISA NO ESPETÁCULO DO BANQUETE DE PLATÃO:

relações entre academia, arte, religião e cultura

Alfredo Góes Villas-Bôas<sup>1</sup>

## RESUMO

A corrente interpretação a respeito da sociedade dita contemporânea, como do espetáculo, torna-se, perante uma visada teórica multidisciplinar, uma inadequação histórica. O espetáculo enquanto práxis em diferentes contextos históricos é um elemento constitutivo da ordem e da subversão da vida social, tal qual a poesia e as artes. O espetáculo, através dos tempos, compreende uma série de fenômenos complexos e seu contexto é variável e dinâmico. Explicitar-se-á, segundo o caminho de pensamento percorrido, proposições a respeito da obra “O Banquete”, de Platão, enfatizando o aparecimento e definição do termo poiésis (poesia), apontando para o sentido de seu uso a partir do recurso literário da personagem Diotima, sacerdotisa, figura marginalizada e frequentemente pouco contemplada nas reflexões críticas. Destaca-se que, Platão, cidadão da elite da polis de Atenas, a fim de ter suas proposições filosóficas validadas, recorre a outras fontes de conhecimento, como a religião. A estreita interdependência das noções organizadoras do pensamento como centro e periferia são enfatizadas em seu caráter relacional. Assim, critica-se também a categoria pós-modernista do ex-cêntrico, revelando que desde a antiguidade as representações sociais já apresentavam profundas diferenças e contradições da sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poiésis – Tekné – Espetáculo – Diotima - Trickster

**INTRODUÇÃO:** o passado, o devir e o instável presente

A ciência da física moderna, sob influência da teoria da relatividade de Einstein privilegiava certo ponto no espaço e no tempo e, a partir deste, operacionalizava um tempo reversível. O tempo, compreendido de maneira reversível, era imaginado funcionando como um pêndulo, em que o presente seria o seu repouso ou grau zero, e, com livre movimento equidistante para

---

<sup>1</sup> Alfredo Góes Villas-Bôas. Graduado em Comunicação Social: Rádio e TV. Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação. Mestrando do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade, IHAC, UFBA. Bolsista do programa para mestrado Fapesb / BA - 2011. Contato: alfredogoes1981@yahoo.com.br /

o futuro e para o passado. A teoria einsteiniana foi estrangulada sob crítica do químico russo Ilya Prigogine – igualmente ganhador do prêmio Nobel, tal como Einstein. Prigogine desenvolveu a teoria do caos e da irreversibilidade dos processos físicos e químicos da matéria, abrindo novas perspectivas para a compreensão dos fenômenos da vida no universo. Segundo o cientista russo, o tempo não pode ser traduzido por uma fórmula de caráter reversível, visto que na própria ordenação estruturante da matéria, o fluir do tempo é um fator fundamental para que átomos e moléculas se agrupem e possibilitem a formação de aglomerados complexos. Prigogine chamou atenção para a “flecha do tempo”, desde sempre disparada e em constante e irreversível avanço. Outro problema das noções herdadas da relatividade de Einstein constitui a valorização de determinado ponto da realidade, o presente, por exemplo, tido como central e estável. Prigogine afirma que é na condição de instabilidade física e química em que a matéria se torna mais criativa; o universo se expande em suas fronteiras de grande concentração de energia - do grego caos. No atual período em que a ciência, uma vez mais em crise, volta-se, em conjunto com outras áreas de produção basilar da sociedade, como a economia, setores da indústria pesada, da informática, da cibernética, da ecologia, da biotecnologia (em verdade, todas as diferentes realidades partindo dos mais distintos ramos acadêmicos), para formas sociais que prevaleçam de maneira criativa em seus processos de superação das dificuldades no modo de vida da sociedade ocidental, urbana e do consumo (o problema do lixo, por exemplo), que já demonstra, não de agora, sinais de fadiga. A teoria de Prigogine valoriza a instabilidade. Se toda a esfera social foi pensada sob o paradigma funcionalista, como um reflexo do organismo vivo, a transposição – admite-se, ousada-, das considerações a respeito das fronteiras instáveis do universo como condição produtora e resultante da renovação criativa da qual necessita o próprio cosmos, para o projeto social, propriamente as cidades, valoriza então, não mais a noção de centro como uma função organizadora da vida social. A flecha do tempo chama atenção do homem para o exato momento do presente - o lugar ontológico e real das ações do homem é sempre um estado presente de ser, inevitavelmente arrastado ao preocupante futuro. Seria então, não mais nos centros urbanos, mas nas periferias das cidades - das metrópoles das sociedades industriais, informatizadas, de consumo e de alta produção de lixo, ou além das regiões externas da cidade, o que se designa por localidade do interior, que o homem vem encontrando alternativas de renovação criativas para manter-se no exercício constante da superação das adversidades do devir.

Corriqueiramente, a academia e a ciência em ordem tradicionalista a serviço de poderes sociais diversos, ao longo da história, procuraram destituir os muitos saberes que seriam originários do povo em sua concepção popular, justapostos aos discursos científicos. O presente trabalho, procura desenvolver uma reflexão crítica a respeito de categoriais

conceituais, em uma visada teórica multidisciplinar a respeito da obra filosófica “O Banquete” de Platão. A ciência e a filosofia contemporânea, ainda herdeiras da doutrina filosófica platônica, encontram-se implicitamente associadas a outros saberes, como a religião (ou mitologia), desde as proposições filosóficas (metafísicas, ontológicas) que amparam e sustentam os pressupostos em que se sedimentam as bases de todo conhecimento que se pretende científico. O presente documento propõe uma investigação a respeito da designação formal do termo poesia (do grego poiésis – comumente interpretado como criação) e de suas relações, presentes no discurso platônico, com a arte, a religião e a sabedoria de agentes sociais que representam ou podem ser identificados como marginais, ex-cêntricos ou mesmo, populares - em sua concepção mais desvalorizada e subestimada sob o discurso eurocêntrico, filosófico e científico.

ANTIGAS NOVIDADES ENCOBERTAS: criação e ter a manha de fazer

O homem é um animal simbólico, ser de cultura. A consciência depende da habitação da linguagem para existir e construir sentido, expresso sempre por um meio. A técnica é um meio pelo qual o homem construiu a si mesmo através de sua jornada, como também o mundo em sua superfície sensível e as coisas, a partir de formas imaginadas e conformadas na matéria. Sabe-se que o vocábulo grego tekne rigorosamente significa arte. Por sua vez, o termo arte, de origem latina, deriva do radical *ars*<sup>2</sup>, que designa o movimento de articulação do punho e pulso próprio ao homem em distinção aos primatas<sup>3</sup>. Para os gregos, tekne era um saber fazer mediador entre a ausência e a presença de cada coisa do homem, produtos da técnica, em seu modo próprio de ser no mundo. Paralelamente, a physis, força criadora espontânea, por assim dizer, da natureza indômita, conformava a matéria do mundo em princípio livre sem interferência humana.

A tekne e a physis, são aspectos distintos de um mesmo fenômeno, permitem a passagem do não ser ao ser, o que compreende a poiésis, por assim dizer, poesia. Enquanto a tekne é um meio de descobrimento pelo qual as formas vêm a dar-se a por no mundo por atitude humana, a physis tem em si em mesma o princípio de descobrimento. A tekne é o meio de descobrimento sob domínio do homem. Descobrir é tornar posto sob os olhos do homem

---

<sup>2</sup> Consultar BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. Ed. Ática, 2004. Mais especificamente as páginas 13-22.

<sup>3</sup> Como dito pelo filósofo Vilém Flusser, no capítulo *Forma e Material*, do seu livro “O Mundo Codificado”. Segundo as considerações de Flusser respeito das transformações impostas ao mundo em sua superfície e aos materiais da natureza extraídos: “Uma vez que as mãos humanas, assim como as mãos dos primatas são órgãos (*Organe*) próprios para girar (*Wendem*) coisas (e entende-se o ato de girar, virar, como uma informação herdada geneticamente), podemos considerar as ferramentas, as máquinas e os eletrônicos como imitação das mãos como próteses que ampliam as informações herdadas geneticamente, graças às informações culturais, adquiridas” (FLUSSER, p. 36).

as formas<sup>4</sup> que somente estão de maneira velada; portanto, desvelar, ou de maneira vulgar, descobrir. A este fenômeno, certamente cognitivo e de apreensão na consciência por meio dos sentidos os gregos designavam por *alethéia*, o descoberto. Do descoberto, aparece a verdade (*veritas*), como a correta interpretação daquilo que se representa, assim os latinos traduziram e compreenderam<sup>5</sup>. Poesia é criação, movimento em constante liberdade e risco de esvaír-se à manipulação do homem, de escapar ao seu domínio; há sempre o risco de que o objeto da técnica escape ao domínio de seu usuário, provocando resultados inesperados nas atividades do homem. Poesia não é repetição de qualquer ritmo ou movimento, mas é sempre uma ação criadora. Todos os artistas são criadores, portanto, o poeta é o criador da língua falada e da escrita. Quando os sentidos do homem percebem e reconhecem a criação na natureza ou mesmo no encontro com outros homens: “quando a poesia acontece como uma condensação do acaso ou é uma cristalização de poderes e circunstâncias alheios à vontade criadora do poeta” (PAZ, p. 16, 1982) , este se encontra diante do poético. A natureza indômita é autopoietica<sup>6</sup>, cria e transforma-se espontaneamente, por ação de forças e sistemas que se auto-organizam.

Desde que há cultura<sup>7</sup> e sociedade, tecnicamente estruturada e ordenada mediante práxis e linguagem há a imagem. A imagem é o sonho de permanecer ante a fluidez do tempo<sup>8</sup> e nasce

---

<sup>4</sup> Aqui, explicita-se que o vocábulo forma, vem do grego *idea* (idéia), nos termos do filósofo Platão. A partir do texto do prof. Henrique Murachco, de suas pesquisas lingüísticas da língua grega, o termo técnica (*techné*), designava o fenômeno entendido por arte. Entretanto, em suas investigações, descobre-se que a origem do termo é balizada por mais dois outros vocábulos, a saber: *eidos* – *idea* – *techne*. O latinos traduziram *idea* (idéia), por forma e tal termo é referente à expressão “ver com os olhos da mente” e não “pousar com os olhos em” (MURACHCO, p. 09, revista *Hypnos*, ano 3, n.º 04, São Paulo, Ed. Palas Athena). Portanto, ver na consciência através da criação figurativa da imaginação na mente. Assim, Platão considerava as formas imaginadas, as idéias, eternas. Considera-se então, a forma material, matéria sensível do mundo como aparência, do grego fenômeno. Desde a Grécia antiga a metáfora privilegiada para o conhecimento foi a visão; a visão de mundo que a teoria oferece, permite perceber com os olhos carnis, fenômenos no mundo e, com os olhos da mente ou do espírito, fenômenos psíquicos, através do movimento da consciência. Teoria, por sua vez, deriva do verbo grego *ver*.

<sup>5</sup> Ver “A questão da técnica” in HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*, Ed. Vozes, Petrópolis, 2002. Entretanto, caso se observe cuidadosamente tal proposição, fica evidenciado que a verdade desde sempre possui caráter relacional, individual ou partilhado por um grupo que se orienta por mesma crença ou ideal. O argumento da “verdade absoluta” foi desde sempre, uma armadilha epistemológica do discurso eurocêntrico da ciência e da filosofia, sob forte influência da teologia medieval, que propunha ao signo Deus, e tudo mais que a ele estivesse relacionado, caráter absoluto.

<sup>6</sup> Ver Maturana R, Umberto. *A ontologia da realidade*; Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz; organizadores. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997. Auto-poiético, sistema biológico montado por Maturana para definir e explicar o que é a vida. Um objeto formal da neurobiologia, mas ao mesmo tempo, uma revolução no sentido da própria biologia, já que retoma o criacionismo, desta vez ateu, com o oferecimento ritual de provas científicas referentes ao inexplicável fenômeno da vida de organismos auto-gerativos, cuja sobrevivência depende diretamente de constante auto-gestão e re-criação de sua própria constituição orgânica.

<sup>7</sup> Consultar Marilena Chauí (*Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994) para a qual a palavra cultura derivada do verbo latim *colere*, e se relaciona a prática de cuidado da natureza, donde cultivo, de plantas, portanto, agricultura. Sendo que, posteriormente, passou a designar a atividade também desenvolvida junto às crianças, prática de cultivo da vida psíquica, educação formal, donde puericultura, e culto, na celebração aos deuses – como diz Raymond Williams (*Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*, SP. Ed. Boitempo, 2007). Assim compreende-se que cultura era para os gregos, uma espécie de segunda natureza, instrumento do espírito do homem.

<sup>8</sup> Ver Régis Debray (*Vida e Morte da Imagem: uma história de olhar no Ocidente* – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993), que em sua teoria da imagem distingue diferentes formas de imagem. Há imagens-mentais, que perpetuam na memória individual do homem e coletiva nos contextos do mundo histórico das sociedades. A morte, para

da vontade de perpetuação e participação do homem no mundo, conexão entre o homem e o mundo, superfície a superfície. O sagrado estava na imagem para os povos da antiguidade, tanto quanto estava na palavra. Falar sobre a coisa era propriamente evocá-la e não representá-la, tornar presente. Portanto, a língua nativa é um meio de comunicação social, transmissão de informação e conhecimento, envolvendo ao homem na realidade que a partir delas se forma ontologicamente e na qual é então, por processos vívidos das atitudes dos homens, constantemente modificada. O espetáculo, desde a antiguidade, constituído de maneira ritualística, pode ser compreendido como o primeiro meio de comunicação massivo dos povos, proporcionando conservação da ordem estabelecida ou mesmo sua contestação<sup>9</sup>. A práxis do rito espetacular é uma atividade de ação coletiva, de participação, depende de um *habitus* – repetição de gestos e atitudes técnicas, trabalho voltado ao domínio do corpo, com influência de causas também psicológicas e ações psicomotoras (MAUSS,2003).

A grande constelação de termos acima citada, requer um avanço cauteloso para movimentar o pensamento a respeito das reflexões por vir. Sabe-se que a definição do termo poiésis, tal

---

Debray, foi a primeira experiência estética e religiosa do animal humano, simultaneamente; a visão da passagem do corpo de um companheiro de grupo ao disforme cadáver. A produção de imagens sempre esteve ligada a morte e as cerimônias fúnebres; o corpo mumificado no antigo Egito, obra de arte. Na teoria de Debray, as imagens são encontradas na memória histórica do mundo, obras de historicidade própria. Considera-se então, a dicotomia entre imagem-mental, na mente, e imagem-material, numa dada superfície - entretanto, é possível compreender que haja uma superfície na visão de idéias, do mundo imaginado, das imagens na faculdade do imaginário, por intermédio da imaginação. O filósofo Vilém Flusser perguntou pela imagem e respondeu em uma expressão que designa a síntese da teoria da imagem na sua filosofia. Para Flusser, “imagem é superfície”, pois este considera a corrente perspectivista da teoria da imagem, em sua própria filosofia – (consultar FLUSSER, Vilém: Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia – Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dandaré, 2009). As observações anteriores possibilitam aproximação ao artigo de Renato da Silveira que, ao apresentar uma introdução à teoria da imagem de Pierre Francastel, oferece uma taxonomia de grupos de teóricos da imagem, agrupados por diferentes características a partir de suas teorias da imagem. Flusser, não estaria perfeitamente enquadrado em nenhuma categoria precisa, apresentando sua teoria, maior liberdade teórica e assim, mantendo mais distanciadas as taliscas que engaiolam o pensamento. Ver o artigo de Renato da Silveira: “A ordem visual (uma introdução à teoria da imagem em Pierre Francastel), in. As formas do sentido (Estudos em Estética da Comunicação / Monclar Valverde (org.) – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<sup>9</sup> Ver artigo de Renato da Silveira (A Noção de Espetáculo Através dos Tempos: por uma abordagem multidisciplinar). No documento, Silveira apresenta seu característico rigor antropológico ao propor uma noção de espetáculo mais abrangente do que aquela adotada pelos teóricos do pós-modernismo, que teriam se apropriado de maneira inadequada do conceito de espetáculo exposto por Guy Debord em seu *A sociedade do Espetáculo*. Debord estaria apontando, na designação formal do conceito, o moderno espetáculo enquanto fenômeno social da indústria cultural orientada por uma lógica capitalista. O espetáculo, em sua própria consumação, acontece sob forma de cerimônia, portanto, sob processo estruturante de ordenação social, produto de uma cultura instrumentalizada, um acto técnico, idealizado e tornado instrumento ideológico para difundir comportamentos através da imagem programada e transmitida conjuntamente entre todos os meios, em rede, da indústria cultural - esta é a visão de Debord. Silveira argumenta que muito antes de tal fenômeno social, o espetáculo já funcionava como fenômeno mediador entre as designações de um estado ordenado e instituído de uma sociedade e os diferentes grupos humanos de um dado contexto geográfico, nacional e histórico. Sob ordem espetacular, toda cerimônia requer ritualismo. O rito espetacular é ambivalente, funciona tanto para a conservação, quanto para a subversão da ordem estabelecida. Entretanto, verifica-se mesmo, ao longo dos exemplos oferecidos por Silveira, que o fator de conservação, quando predominante e instrumentalizado pelo estado vigente, torna-se, pois, instrumento ideológico dos poderosos e das elites. Entretanto, o homem, em sua constante revolução pessoal, no existir contestatório, encontra maneiras de expor críticas ao estado de ordem que vigora. Tais atividades de contestação acontecem nos chamados “rituais de inversão”, subvertendo e desestabilizando a ordem social momentaneamente. A perspectiva teórica ritualística proporciona uma reflexão voltada para a prática, o *habitus*, e para estética, considerando que o contexto e os agentes de produção e recepção do ritual interdependem.

como chegou até os dias contemporâneos é um dos espólios do pensador grego Platão. Em sua obra intitulada “O Banquete”<sup>10</sup>, o filósofo apresenta a narrativa de Sócrates – seu mentor, de fontes históricas até então indeterminadas a respeito de sua real existência, que juntamente com outros homens interessados em filosofia, discutem a respeito da natureza do Amor, o deus grego Eros. Em tal diálogo platônico, o aparecimento do termo poiésis (poesia) nasce para o mundo histórico através da personagem Diotima, identificada através das falas de Sócrates, como sendo uma sacerdotisa oriunda da Mantinéia, com a qual o filósofo ainda jovem, teria com ela estado a discorrer e a aprender sobre o amor. Das passagens textuais que revela a pouca historicidade a respeito da sacerdotisa, sabe-se que esta havia consagrado rituais a fim de manter afastada a peste por dez anos sobre a cidade de Atenas. Diotima, apesar de suas atitudes prestigiosas, tem sua posição na história da filosofia e da poesia ocidental pouco observada.

### O PÓS-MODERNO E O EX-CÊNTRICO: relações de mundos imaginados

Na contemporaneidade, sociedade já instrumentalizada e de muitas categorias sobrepostas, tais como da informação, da comunicação de massas e em rede, até mesmo do espetáculo (debordiano) ou da imagem, uma concepção corrente do saber acadêmico volta-se para sua produção bibliográfica como uma contação de relatos, narrativas pequenas, muitas vezes, amparadas naquilo que se compreendeu como grandes narrativas ou mestras. Tal maneira de encarar a produção acadêmica, como quer alguns, pós-moderna, apresenta e desdobra outras categorias conceituais como ex-cêntrico, termo voltado à interpretação de fenômenos artísticos expressos na veiculação de produtos da indústria cultural, priorizando, a representação de personagens e práticas de grupos sociais em desacordo com as formas de manutenção ou conservação da ordem, então, hegemônicas.

O pós-moderno de Lyotard se auto-explica, um conceito de operação relacional, que se adianta ao futuro, mas encontra-se inextricavelmente preso ao passado, o pré-fixo pós, o atrela a um contexto. O pós-moderno é algo indefinido e está, na contemporaneidade, em seu além. É o futuro velho da modernidade, metáfora teórica enquanto investigação da episteme: o recorte de estudo lingüístico, econômico e político de um pesquisador e, ou qualquer outra área do conhecimento acadêmico está sempre atrelado a outras instituições humanas, como o governo

---

<sup>10</sup> “Literalmente, “jantar coletivo”. Depois da refeição propriamente dita é que havia o simpósio, i. e., “bebida em conjunto”, acompanhado das mais variadas diversões entre as quais as competições literárias. (N. do T)”, p. 13. Platão: seleção de textos e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João da Cruz Costa – 1ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1972. – (Os Pensadores). O que já caracteriza a ritualística da educação grega à mesa, ao comer, mais especificamente a uma classe social, diferenciada como elite da polis, e que manifestava grande sentimento de pertença e na crença de seus mitos – pela evocação do deus Dionísio e, em seus ritos, na própria ordem das ações que resulta na evocação do deus, na libação em sua honra, na disposição das poltronas da sala de Agatão, recinto em que acontece o banquete e o simpósio,, em formato de ferradura, em associação a letra “ômega” do alfabeto grego.

que encomenda a pesquisa – no caso o trabalho intitulado “O Pós-Moderno”. Todas as instituições humanas estão sempre contextualizadas num lugar e no tempo.

A categoria do ex-cêntrico (termo que aponta seu sentido para marginal e periférico) é uma expressão que, instrumentalizada, concorre socialmente para uma ação de violência da compreensão da episteme e uma arbitrariedade histórica. O aparecimento de personagens, como quer a pesquisadora canadense Linda Hutcheon (no seu *Poética do Pós-Modernismo*), “ex-cêntricos”, partindo da análise da representação de personagens protagonistas ou não, em narrativas ambientadas em cenários históricos passados, definidos como meta ficção-historiográfica, não é um fenômeno recente. A categoria do ex-cêntrico, como proposta, delimita um recorte crítico voltado para a análise da produção de grupos sociais discordantes com a ordem do contexto pós Segunda Guerra, tais como o movimento negro norte-americano, o movimento hippie e o feminismo, ainda na década de 1960, no século XX.

O termo ex-cêntrico, implicitamente, destaca a noção de centro como agente organizador do pensamento, em detrimento de tudo aquilo que é marginal ou periférico, portanto, que do centro não participa ou não está em comunhão. Entretanto, todo centro é sempre relacional <sup>11</sup>. Periferia e centro são interdependentes, o ex-cêntrico, marginal ou periférico – exterior ao centro, somente pode ser delimitado, para fins de qualquer crítica e análise por redução eidética – redução ao campo das idéias. Circundando, deste modo, centro e periferia oferecem, por assim dizer, diferentes visões que partem do homem enquanto este é sensível ao mundo, destacando, inclusive, que o lugar de cada indivíduo na realidade de um contexto exerce influência de base para toda e qualquer visada lançada ao mundo. Explicita-se então, que diferentes e relativas centralidades podem ser estabelecidas de acordo ao homem e seu entorno. Se centro e periferia são interdependentes e, em verdade, relacionais, a posição periférica, se reconhecida e aceita, também se orienta para um centro em função de uma margem e ou periferia, delimitada pela visão de cada homem, portanto, sua teoria, sua visão de mundo. <sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Como observado por Jacks Lakoff e Johnson em seu livro *Metáforas We Live By*, consultado na versão em língua inglesa. As metáforas presentes na fala corriqueira, do dia a dia, ajudam a criar noções orientacionais de tempo e de espaço, sempre atreladas a um determinado contexto específico, ambiente ou cenário exterior; o mundo sensível com seus objetos interfere diretamente na relação entre o ser e o ser das coisas, entre o eu e as coisas que não sou eu, mas com as quais o homem dialoga e se relaciona. As metáforas orientam ao indivíduo numa possibilidade de ação em um lugar, enquanto pessoa no mundo, ontologicamente falando. Também orientam diretamente a relação do corpo do homem no espaço físico que o rodeia. Ver Lakoff G, Johnson M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press. 2003.

<sup>12</sup> Observado por Lévy Strauss, em seu ensaio “As Estruturas Dualistas Existem?”. Ao analisar desenhos que apresentavam a disposição geográfica da aldeia, nativos indígenas de gerações etárias diferentes apresentaram distintas descrições para a disposição da organização das construções da aldeia e do terreno de moradia ao seu redor no espaço – como representado nas figuras do artigo. Para os mais velhos a aldeia tinha um tipo de organização espacial, para o mais jovens, era outro o modelo apontado. Ambos os grupos, convivendo no mesmo contexto. Os assim chamados “da parte de cima”, grupo ao qual pertenciam os indígenas mais velhos, poderiam ser apontados, comumente, como sendo a elite. Estes reconheciam um centro. Identificaram-se com a outra figura, os indivíduos da metade “de baixo”, mais jovens e, que poderiam ser facilmente designados por periféricos ou marginais, visto que suas moradias ocupam até os terrenos do limite exterior da aldeia e da mata.

O BANQUETE: comendo pelas beiradas

No diálogo platônico que dá nome a esta seção do presente documento, a narrativa escrita e apresentada revela-se fragmentária na linearidade temporal de sua diegese. O banquete – literalmente, jantar coletivo, teria ocorrido anos antes do presente momento em que o personagem Apolodoro começa a conduzir a narrativa dos fatos. Apolodoro – que não caminha sozinho, mas seu acompanhante mantém-se não identificado, por sua vez, é interpelado por outro personagem (identificado por Glauco) que o chama pelo termo “falerino”, habitante de Falero, região portuária próxima a polis de Atenas, a 6km da cidade, ao sul do Pireu, principal porto ateniense. O falerino, ao ser assim chamado, revela em suas falas algum sentimento de pertença à localidade que habita e antes de iniciar o seu relato a respeito do que sabe referente ao antigo evento do banquete, diz mesmo ser um indivíduo pertencente a outro grupo que não aquele ao qual seu interlocutor o distingue. Tal grupo referido por Apolodoro é identificado em sua fala como sendo composto por comerciantes, homens ricos, cidadãos atenienses – grupo ao qual o interlocutor de Apolodoro também é identificado. Nas falas do personagem Apolodoro, verifica-se seu sentimento de pertença a Falero em distinção para com os habitantes de Atenas. Configura-se assim, na narrativa platônica, a condição periférica/marginal de Apolodoro – na realidade diegética, e sua condição simultaneamente ex-cêntrica, como querem os teóricos do pós-modernismo ao observá-lo em vias de um personagem de bibliografia filosófica, portanto, produto de literatura acadêmica.

Homem do porto, região de fronteiras das terras da Hélade a perder-se no mar, Apolodoro diz que o banquete teria ocorrido anos antes, ainda em tempo de sua juventude e que ele próprio tomou conhecimento do evento através dos relatos de um outro (Aristodemo, de Cidateneão)<sup>13</sup>. Destas proposições configuram-se as seguintes observações: os personagens “ex-cêntricos” na construção do discurso platônico são essenciais para a legitimação do próprio discurso filosófico em “O Banquete”, a fragmentação de sua narrativa no plano diegético apresenta semelhança ao que se designa por meta-ficção historiográfica - narrativa ambientada em cenário histórico passado, e, por fim, o reconhecimento de saberes outros,

---

A segunda figura, em sua disposição espacial também organizava um centro. Ambas os desenhos, ambas as representações devem ser consideradas. As duas metades estão uma para a outra, em constante desacordo mediado nas fronteiras invisíveis e de energia instável em suas relações. Centro e periferia se entrecruzam e são relacionais a um contexto histórico geográfico e ao movimento do modo de vida de um indivíduo (LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1975).

<sup>13</sup> Da fala de Apolodoro ao recordar-se do que lhe contou outro personagem a respeito do banquete, destaca-se: “Foi um certo Aristodemo, de Cidateneão, pequeno, sempre descalço; ele assistira à reunião, amante de Sócrates que era, dos mais fervorosos ao meu ver” – p. 15. Destaca-se também, a nota do tradutor que explicita o fascínio que Sócrates exercia sobre os demais. Tal fascínio pode ser comprovado na citação de que Aristodemo caminhava sempre descalço, imitando a maneira do próprio Sócrates. Ver PLATÃO. Diálogos ; tradução de José Cavalcante de Sousa, Jorge Paleikat e João Curz Costa. – 1ª ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1978 – (Os Pensadores)

além do conhecimento acadêmico, propriamente dito, para a constituição das observações do próprio Platão e fundamentação de sua teoria, de sua maiêutica socrática e episteme.

#### A SACERDOTISA *TRICKSTER* E A CONFISSÃO DO AMOR: rituais de traquinagem

As duas primeiras observações anteriores oferecem outra aproximação para com as reflexões do que se pretende narrativa de meta-ficção historiográfica, expressão conceitual que designa narrativas ambientadas por personagens ex-cêntricos em um tempo histórico passado. O termo “ex-cêntrico”, enquanto categoria conceitual torna-se bastante arbitrário quando se observa criticamente o recorte sempre relacional entre centro e periferia. No que diz respeito à narrativa platônica, os dados históricos do contexto e das formas sociais no momento histórico da sociedade ateniense em contraposição ao contexto imaginado, idealizado e representado na obra “O Banquete”, revelam indícios da consideração do próprio filósofo sobre outras formas de conhecimento que não aquelas demarcadas pela academia<sup>14</sup>. A terceira observação, além de validar ambas as primeiras, evoca a presença de uma personagem feminina – sabe-se que a condição da mulher na sociedade democrática ateniense era muito distinta da condição dos homens, não constituindo sequer o direito de cidadania -, situação agravada por sua condição de estrangeira residindo em terras outras que não das quais era nativa (Diotima é reconhecida como sendo originária da Mantinéia, outra localidade grega que não a pólis de Atenas), e, por fim, sacerdotisa, com o domínio de práticas mágico/religiosas no exercício de rituais reconhecidamente aceitos pela sociedade. Neste sentido, a importância de saberes outros, além dos saberes acadêmicos, é enfatizada.

A partir das considerações acima, fica evidenciado que: o saber acadêmico contemporâneo, herdeiro da tradição do academicismo originário na Grécia, atingiu seu apogeu com os pensadores escolásticos da Idade Média, fossem teólogos ou filósofos, e estes sempre estiveram ligados direta ou indiretamente a toda produção de conhecimento do mundo ocidental. Os intelectuais da academia ocidental são fruto de uma tradição elitista de escribas que privilegia a palavra escrita, condição que constantemente necessita ser criticamente analisada (SILVEIRA, 2011).

O exercício legítimo das práticas sacerdotais de Diotima é seguramente reconhecido nos relatos platônicos. Sabe-se, pois, que em todos os tempos a práxis da magia e da religião exigiu o rito. “Respiração da sociedade”<sup>15</sup>, o rito é uma forma social mais duradoura que o

---

<sup>14</sup> “... na verdade a democracia ateniense apresentava sérias limitações. Em primeiro lugar, nem todos podiam participar dos debates na Assembléia: apenas os que possuíam direito de cidadania. Essa discriminação política excluía das relações a maior parte dos habitantes da *polis*: as mulheres, os estrangeiros, os escravos. Em conseqüência, constituía uma minoria o *demos* (o povo) que assumira o poder em Atenas.” – p. 03, introdução a edição Diálogos / Platão: seleção de textos e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João da Cruz Costa – 5ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. – (Os Pensadores).

<sup>15</sup> Ver introdução de Roberto Motta, in “Os Ritos Profanos / Claude Riviére. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

discurso, conformando diferentes saberes e funcionando como evento social da comunhão de homens em participação. Torna-se premente a exposição de idéias mais precisas a respeito do rito e de seu papel nas diferentes sociedades. Para tanto, além de evidenciar o caráter ritualístico em torno dos eventos do banquete, considera-se o caráter espetacular do rito.

Em seu denso artigo no rastreamento da origem do rito espetacular, Renato da Silveira oferece uma abrangente visão a respeito da função do rito nas sociedades. Segundo o antropólogo, o rito nasce como práxis de adoração do sagrado mítico/religioso (vale ressaltar que o sagrado não se descobre somente em práticas religiosas ou mágicas), simultaneamente estabilizando e promovendo a transmissão de conhecimentos próprios ao trabalho e sobrevivência de um grupo humano. O ritual, em seu caráter de cerimônia, é compreendido como o primeiro meio de comunicação massivo dos povos antigos, exigindo periodicidade de execução para a conservação da ordem social estabelecida. Fosse cerimônias públicas do estado vigente, ou rituais estritamente restritos aos indivíduos de determinado círculo estreito, o rito exige de seus participantes aquilo que se denomina por atitude espetacular, ações de homens num dado contexto, com cenografia e papéis de atuação bem definidos, mais propriamente, o objeto de estudo da etnocologia. O rito espetacular, compreendido em grandes festas de adoração aos deuses, cerimônias de exibição de poder dos cargos públicos e políticos, cerimônias funerárias ou mesmo celebrações de lazer ordenadas ou não pela indústria cultural - já na contemporaneidade, arregimenta diferentes setores de uma sociedade, não somente aqueles ligados diretamente as práticas míticas, religiosas, do entretenimento ou da comunicação social. O rito é uma prática estruturante do corpo coletivo da sociedade, trabalho e celebração em grupo, além de proporcionar experiências que sedimentam normas e valores, ou mesmo experiências contestatórias das condutas cotidianamente estabelecidas. Destaca-se também, seu papel enquanto meio para levar as massas à catarse, proporcionando um cuidado aos traumas psíquicos. Os ritos, quando em casos em que arregimenta forças contestatórias, são antropologicamente designados como “rituais de inversão”, categoria ritual em que a ordem social vigente é questionada, podendo mesmo, ser subvertida (SILVEIRA, 2011).

O que fica caracterizado é que Diótima e o amor, ou seu *gênio*, representado pelo deus grego Eros, correspondem respectivamente a uma sacerdotisa e uma entidade *trickster*<sup>16</sup>. Os

---

<sup>16</sup> Como observado por Lévy-Straus que em seu estudo “A estrutura dos mitos”. Lévy-Straus, ao estudar o mito grego de Édipo verifica que o papel desempenhado por Laio, pai de Édipo, na narrativa, constitui uma espécie de personagem subversor. Laio, comumente é traduzido do grego por “manco”, “pé inchado”, portanto, aquele que trilha os caminhos da vida com dificuldades, mas em constante superação. O papel de Laio, na estrutura do mito, é o mesmo que desempenhado pelos deuses e sacerdotes *trickster* na organização de tribos de nativos da América do Norte, entretanto, a representação de tais entidades, na mitologia ameríndia, está sempre associada a animais sorrateiros e carniceiros, como o coitote ou o corvo. A representação do *trickster*, figurada por tais animais, deve-se ao fato de serem carniceiros e, portanto, não estarem submetidos ao tabu alimentar da ingestão de carne dos mortos, subvertendo toda a ordem natural e dos cosmos simbólico na cultura desses povos (Consultar LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Ed. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1975). Considera-se então, que o personagem Laio, assim como a figuração do coitote, constitui a metáfora, alegoria da imagem, em toda sua

sacerdotes e as entidades *trickster* – do inglês *trick*, comumente traduzido como truque, são cargos da hierarquia religiosa das sociedades tradicionais ou antigas, exercidos por indivíduos especialistas em conhecimentos e técnicas específicas – pois o rito e a técnica se encontram indissociáveis, voltados para fazer tensão sobre a ordem social, provocando o novo e a mudança nas formas sociais de maneira catártica – no sentido grego aristotélico, seja em grandes multidões, no rito espetacular, ou em atitudes espetaculares de menor contexto, ou contexto privado; todos, invariavelmente, territórios do amor. Enfim, na organização de uma sociedade, o *trickster* assegura a instabilidade necessária, fonte de renovação, para que as formas sociais não fiquem estacionárias, mesmo que sob orientação continuada do Estado e dos poderes de maneira hegemônica.

#### ACADEMIA E CIÊNCIA: o sacerdócio da razão

Como dito anteriormente, verifica-se na narrativa platônica todo o caráter ritualístico e espetacular do banquete enquanto evento social – não somente pelo encontro de homens para a comunhão de alimentos, característica ritual por excelência, mas por celebrações igualmente citadas e que antecedem o encontro de Sócrates e seus demais companheiros de diálogo no simpósio (expressão que significa beber em coletividade), ocasião do banquete em que se discute a natureza do amor, passagem em que a sacerdotisa Diotima é citada. Sabe-se, através de passagens da narração do personagem Apolodoro - em sua condição de habitante da periferia ateniense, homem bem informado, que o simpósio do banquete aconteceu um dia após as celebrações de cerimônias que haviam ocorrido desde o concurso de tragédias vencido por Agatão e com a participação de todo um contingente não citado, mas presumível, de muitos participantes.

Se o rito perpetua-se na memória coletiva de um grupo, o banquete do simpósio em casa de Agatão manteve-se vivo na memória por sua importância espetacular, tanto na realidade diegética através das lembranças do personagem que narra os fatos, quanto na realidade histórica do “real”, através da cultura academicista da doutrina filosófica do platonismo. Têm-se mesmo, em plano diegético, dois caminhos de pensamento – observações sociológicas, por assim dizer, na realidade imaginada de Platão; em um plano macro-sociológico, do que diz respeito à correlação das práticas das formas rituais das sociedades antigas e tradicionais durante o banquete e o concurso de poesias que o precede no dia anterior, configurando todo o contexto como celebração cerimoniosa, de âmbito público e privado, como em diversas práticas ritualísticas presentes em todas as sociedades humanas conhecidas - o que não haveria de ser diferente na grega. Noutro sentido, micro-sociológico, ainda em plano diegético, nos

---

eficácia simbólica, uma espécie de “lembra-te” aos animais humanos, a respeito das dificuldades de sobrevivência – seja de ordem de locomoção, ou alimentar, em condições extremas.

”micro-rituais” das atitudes espetaculares de cada personagem, comprovadas na evocação ao deus Dionísio – feita por Agatão para iniciar ao simpósio, e, na libação de comum acordo entre os participantes– que consiste no derramamento de líquido, neste caso, vinho, em honra e homenagem ao deus e em atitudes do próprio mestre Sócrates. Além destes exemplos, encontra-se nas atitudes de todos os personagens a atitude espetacular mais significativa, que consiste justamente na explanação de cada um a respeito da natureza do amor, recorrendo ao discurso verbal e um gestual grandiloquente para expor seus pontos de vista.

Sócrates, como figurado por Platão, é senhor de atitudes espetaculares: somente andava descalço – característica constante de sua figuração e que chamava a atenção dos demais atenienses. Inclusive, pode-se mesmo considerar o fato do próprio ter calçado sandálias para ir ao banquete como uma conformidade e concordância com a ordem estabelecida; calçar as sandálias é adequar-se aos costumes, aos outros homens, e, simultaneamente, demonstra que mesmo a conduta de qualquer indivíduo está presa a uma série de hierarquias sociais; instituições humanas diversas, saberes humanos diversos. Andar sempre descalço no contexto citadino da pólis é um reforço de aspecto visual para o próprio comportamento de atitudes de contestação da ordem, atitudes indagadoras que procuram desestabilizar os variados contextos – sendo Sócrates mesmo, condenado à morte no diálogo platônico Fédon (ou Fedão) por atitudes de tal natureza em exercício da filosofia. Noutra passagem da mesma narrativa, no diálogo platônico de “O Banquete”, Sócrates caminha em passo mais lento que seu companheiro de percurso. Posteriormente, demora adentrar a casa de Agatão, colocando-se, estacionário e contemplativo em frente à casa vizinha enquanto os outros convidados e o anfitrião já o esperavam. Os apontamentos acima asseguram o caráter ritualístico espetacular das atitudes de Sócrates em seu cotidiano. Verifica-se também, que suas ações, tanto quanto as práticas da personagem Diotima, eram sempre inspiradas por um gênio, do árabe *djin*, do grego, *daemon*. Sócrates, o médium da razão; o exemplo de filósofo, por sua vez, como idealizado nos escritos platônicos, um trickster na organização da pólis – categoria social contestatória, por assim dizer, que o próprio Platão foi incapaz de sustentar em vida, já que suas posturas políticas pregavam e reafirmavam a manutenção dos valores e da ordem do Estado grego estabelecido e um regresso da democracia para forma de governo tirânica de decênios anteriores.

Com relação à categoria estética do belo, valorizada em paridade ao bom e ao justo no discurso socrático, torna-se evidente que sua proposição é meramente relacional para Platão – produto de sua própria teoria. Sócrates, segundo a teoria de Platão, certamente deveria ter em si o belo, o belo em si. Ao calçar as sandálias, o filósofo passa a ser designado por “ainda mais belo”, prova de que a figuração de Sócrates, pretendida por Platão é de um exemplo da

cidadania e da identidade social vigentes em seu contexto, certamente, eleições estéticas da elite grega.

Se aos olhos de Platão, as lições de seu mestre Sócrates ensinam que onde quer que haja bondade e justiça há o belo - valores certamente formados por um homem da elite ateniense, Diotima revela a beleza; uma teoria feminina, dentro da particular e tradicional visão ao culto religioso de Eros. Da personagem Diotima, além de sua assegurada condição de estrangeira e, sacerdotisa a realizar rituais para manter afastada a peste da polis de Atenas, atribui-se o extraordinário fato de exercer em suas falas o mesmo recurso argumentativo de perguntas ordenadas sob método da maiêutica; método investigativo filosófico de Sócrates – não se sabe da real existência histórica da personagem Diotima, mas em um artigo intitulado “Diotima, Sócrates e a Erosófia” (ACKER, 2008), a sacerdotisa é identificada ao culto do próprio deus Eros, o mesmo do qual trata o tema do simpósio, estritamente relacionado ao culto das Bacantes. Diotima é uma sacerdotisa *trickster*, Eros, uma divindade *trickster*. E com efeito, são feitas com amor todas as traquinagens, das crianças e de todos os homens, dos contentes e dos descontentes, dos mansos e subversores.

É através da personagem Diotima que o mundo recebe uma definição formal a respeito do termo grego *poiésis* (poesia); “Sabes que “poesia” é algo de múltiplo; pois toda causa de qualquer coisa passar do não-ser ao ser é “poesia”, de modo que as confecções de todas as artes são “poesias”, e todos os seus artesãos poetas” (PLATÃO, *b*, p. 43, 1972). Assim posto, destaca-se a importância dos saberes não acadêmicos, considerados marginais, periféricos ou ex-cêntricos - como querem os pós-modernistas, para a vida social em diferentes esferas da cultura, sejam de ordem prática ou subjetiva. Costumeiramente a abordagem acadêmica relativiza os saberes não acadêmicos de maneira a inferiorizá-los, prova de preconceito e revelação da incompletude de todo saber isolado. Se por um sentido, Diotima de Mantinéia existiu de fato, para finalidades deste estudo não há relevância, considerando que o próprio Platão, em condição plena de cidadão grego no seu contexto, reconhece a importância de outros extratos de cultura que não aqueles que partem de uma tradição elitista da qual ele mesmo pertencia.

## CONSIDERAÇÕES EVIDENCIADAS

Como apresentado, a separação entre o saber que se pretende acadêmico – científico - e demais saberes, interpretados como de origem popular, marginal, periférica ou mesmo “ex-cêntrica” não constitui uma manifestação recente nas sociedades. Ao analisar a origem formal do que designa o termo poesia, observa-se que as conexões entre diferentes saberes asseguram uma maior capacidade de avaliação crítica, independentemente da finalidade a qual se destina a investigação. No caso de Platão, interessado em compor uma doutrina filosófica que

pretendia a universalidade, a fim de dar conta de todos os problemas da democracia grega de seu tempo, observa-se que o filósofo tenha recorrido à sabedoria da religião, da magia ou do mito, procurando manter implícito em seu discurso, as associações diretas e a interdependência que se cria entre as diferentes esferas sociais a partir do amálgama de saberes. Platão, com sua moral de cidadão, detentor dos plenos direitos da democracia grega, objetivava a supressão da própria democracia e um retorno a formas de governos despóticas, como exercido em gerações anteriores por governantes tiranos, cuja justificativa para a manutenção e perpetuação do poder era de ordem hereditária.

A personagem Diotima certamente assegura um lugar de destaque para a valorização não somente do fenômeno poético, mas das capacidades legitimamente criativas de indivíduos e grupos populares, marginais ou ex-cêntricos, em maior amplitude, das chamadas classes subalternas. A clara exposição da interdependência entre a tradição religiosa e a tradição filosófica, seguramente em freqüentes disputas e tensões, por se encontrarem inseridas na vivência de uma cultura, proporcionam em conjunto, as forças que configuram vetores em ao menos alguns caminhos da ciência, da política e da objetivada noção de progresso da civilização ocidental, que se organiza como um sistema de instituições, um verdadeiro corpus orgânico, com suas práticas e símbolos, funcionando processualmente para a manutenção do discurso hegemônico eurocêntrico.

Poesia, então, é uma atividade inata ao homem, capacidade devaneante da consciência e da manipulação da linguagem; atitude imaginativa na ação de rastrear os limites da razão e do exercer da faculdade criativa, criadora, ampliando as fronteiras de uma língua. O poeta, artesão da palavra, desvela a absurdidade da vida através da imagem que se pretende transmissível pelo suporte da voz e da palavra escrita. Se o poeta é o artesão da linguagem verbal, outros homens então, no ofício de outras artes, podem ser considerados igualmente, poetas – a saber, artistas, para empregar a terminologia que se quer moderna desde a renascença européia. A diferenciação entre os termos artesão e artista, esconde, por sua vez, implícita dialética ideológica que sustenta uma oposição de contrários, em que toda a positividade recai ao primeiro termo, associado ao fazer das elites modernas, enquanto o artesão, agente popular, estaria relegado a uma idealizada figura: reproduzidor de formas ou modelos estáveis e imutáveis *ad infinitum* – terrível proposição cuja finalidade óbvia é controlar a ordem em suas estruturas de conservação, mantendo as representações de todo e qualquer grupo marginal, periférico, ou popular em sentido restrito – ao que se associa aos fenômenos culturais das classes chamadas subalternas, subjugadas às práticas e aos discursos dos poderes socialmente vigentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKER, Clara Britto da Rocha. Dioniso, Diotima, Sócrates e a Erosófia, in AISTHE, nº 3, 2008. ISSN 1981-7827
- BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. Ed. Ática, 2004
- CHAUÍ, MARILENA. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo / Guy Debord; tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEBRAY, Régis. Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente / Régis Debray; tradução de Guilherme Teixeira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- FLUSSER, Vilém: Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia – Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dandará, 2009
- Língua e Realidade. São Paulo: Editora Herder, 1963.
- Pós-História: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Duas Cidade, 1983.
- O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem / Martin Heidegger; tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. - Petrópolis, RJ : Vozes; Bragança Paulista, sr : Editora Universitária São Francisco, 2003
- A questão da técnica” in HEIDEGGER, Martin. Ensaios e Conferências, Ed Vozes, Petrópolis, 2002.
- HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LAKOFF. G, JOHNSON M. Metaphors We Live By. Chicago: University of Chicago Press. New paperback printing with 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Ed. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1975.
- LYOTARD, Jean-Francois. O pós-moderno / Jean François Luyotard; tradução de Ricardo Correia Barbosa. – 4. Ed. – Rio de Janeiro, José Olympio, 1993. MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MATURANA R, Umberto. A ontologia da realidade; Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz; organizadores. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- MAUSS, Marcel. AS Técnicas do Corpo. In Sociologia & Antropologia / Marcel Mauss; Tradução de Paulo Neves, São Paulo, Cosac Naífy, 2003.
- PAZ, Octavio. O Arco e a Lira / Octavio Paz; tradução de Olga Savary. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PLATÃO. Diálogos / Platão; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. — 5. ed. — São Paulo : Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores). *a*
- PLATÃO. Diálogos ; tradução de José Cavalcante de Sousa, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. – 1ª ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1972 – (Os pensadores). *b*
- PRIGOGINE, Ilya. O Fim das Certezas: tempo, caos e leis da natureza / Ilya Prigogine; tradução Roberto Leal Ferreira. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- RIVIÈRE, Claude. Os Ritos Profanos / Claude Rivière; Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- SILVEIRA, Renato da. O espetáculo e seu contexto através dos tempos: por uma abordagem multidisciplinar. In: MATOS, E. (org) Arte e Cultura: memória e transgressão. Salvador: Edufba, 2011, p. 79-120.
- WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.